

# MEUS DIAS EM VANCOUVER

Eliseu Savério Sposito

Estive no Canadá, entre 1 de julho e 4 de agosto de 2013. No período de 1 a 23 de julho permaneci em Vancouver, cidade com 2,2 milhões de habitantes, localizada em um sítio privilegiado que reúne a montanha, o rio, o mar e, claro, a cidade. Ela repete os padrões paisagísticos de Seattle e São Francisco. A paisagem urbana é belíssima, mas ainda perde, na minha opinião, para a beleza contrastante do Rio de Janeiro.

Dois objetivos eu tinha para cumprir: um curso de imersão na língua inglesa porque ouvir, para mim, é difícil e a proposta era habituar os ouvidos. O segundo objetivo era participar de um seminário na University of British Columbia (UBC) sobre estudos brasileiros, falando em inglês. Essas duas tarefas foram cumpridas. Mas quero lembrar algumas coisas interessantes em Vancouver, mesmo que de maneira pessoal e de forma resumida.

Meu nome variou muito no Canadá. Para a chinesa, dona da *homestay* (5775, McKinnon Street) onde estive hospedado durante 20 dias, começou com Alijú, depois foi mudando: Elijú, Elizú, Elijil, até ficar em Eli, que é a parte que ela pronuncia corretamente. Na escola de inglês, de Elisú virei Elisil até ficar no Elísio, que é o mais parecido com Elysium, meu nome em inglês. Não sabia que meu nome é tão difícil mundo afora.

A hospedagem foi uma boa escolha. Sem saber antecipadamente, fiquei em uma casa com família acolhedora (Anne, Jimmy – dois chineses nascidos em Hong Kong que migraram para Vancouver há 20 anos – e Noel, o filho engenheiro). Eu fiquei em um ambiente com três quartos. O meu deveria ter 2x4 metros: uma cama, um pequeno guarda-roupa e uma mesa. Nada mais. Internet sem fio com ótima capacidade de transmissão. Os outros quartos davam para uma cozinha (com micro-ondas, geladeira, pia, TV e um sofá) e uma sala onde eram feitas as refeições. Eu tinha “pensão completa” (*breakfast*, que era meu copo de leite com chocolate e uma torrada com geleia de laranja; almoço – *lunch* – que consistia em um sanduíche que Anne

preparava e eu levava na mochila para a escola; e jantar – *dinner* – com todos presentes: um chinesinho de 16 anos de Hong Kong (Kenneth, nome de fantasia, na verdade seu nome era Ng Kwai – cuja irmã se chama Carmen!!!), Caio Guerra e eu. Anne jantava com quem estivesse presente. Todas as noites (ou dias, porque só escurecia quando davam, aproximadamente, dez horas da noite – que lá eles sempre se referem a 10 p. m.).



A casa de Jimmy e Anne, 5775 McKinnon Street, Collingwood, Vancouver.



Jimmy, Anne, Noel, Kenneth e Eliseu



Anne, Noel, Kenneth, Eliseu e Caio



Kenneth e Eliseu na McKinnon Street

Kenneth quer estudar medicina. O pai é engenheiro de elevadores. A família mora em Hong Kong, na parte continental, em um flat. É a primeira vez que ele sai da cidade. Disse que em sua cidade a universidade é paga e a vida é cara. Quando contei que no Brasil a universidade é gratuita e tem bolsas para os alunos, ele falou: *it has no sense!* (isso não tem sentido). Ele odeia Mao Tsé-Tung porque ele fez muitas revoluções e deve ter matado muita gente. Enfim, em poucas palavras deu para ver como está essa parte da China hoje e como é a doutrina econômica dominante por lá. Ele não parava de perguntar sobre palavras em inglês, diferenças entre português e espanhol e por aí vai. Ele é falador pra xuxu. O outro jovem que morava lá é carioca, filho de um médico

e mora em Petrópolis (pra manter o sotaque). Simpático, boa conversa, não tira os olhos do iPhone. Vai pra escola e volta logo pra casa. Não fez muitos amigos na escola mas se impressionou com o número de asiáticos fumantes.

A casa fica no bairro de Collingwood, cujo subcentro era balizado pela Kingsway Avenue pela Joyce Street. Inúmeros e incontáveis negócios de chineses e descendentes, indo de salões de beleza a restaurantes e quitandas. Eu me considerava um estranho no ninho porque nos ônibus e no trem, 90% das pessoas eram de origem oriental.

Meu curso ocorreu na *International House of Vancouver*. Ela está ligada à UBC, não sei por quais caminhos. Fica na West Broadway Avenue, n. 1215. De onde moro, são oito quilômetros para chegar lá. São dez minutos de caminhada, cinco minutos pelo *Skytrain* (uma das linhas de metrô) e, depois, pelo ônibus 99, expresso, mais quatro quilômetros pela Broadway Ave. Na minha classe, a professora Barbara, especialista em literatura inglesa, fala rapidamente sobre o tema que vai ser trabalhado no dia. As aulas estão divididas em quatro blocos. Cada bloco dura 50 minutos. Entre um e outro, 10 minutos de intervalo. Entre 11h40 e 12h30, tempo do almoço. Depois das aulas normais, são oferecidas duas aulas de *free class*, aulas para professores *trainees* que estão procurando “se encaixar” na escola ou estão se preparando para outras “aventuras”, como o Jonathan, que vai lecionar inglês na Arábia Saudita. Essas aulas não são pagas e servem para aprimorar o sotaque, um pouco de gramática e, principalmente, treinar os ouvidos. Frequentadora assídua, Keiko, uma japonesa com mil plásticas no rosto, disse que queria ir ao Brasil para ver o canibal. Eu expliquei que não havia canibais no país, que lá não se consumia carne humana. Depois de muito esforço, ela traduziu o que queria dizer: carnival. Ah, sim, carnaval. Aí, Keiko, vale a pena ir ao Brasil. Seja bem vindas.

Na minha classe regular estavam: duas espanholas – uma delas mestre em Geografia pela Universidade de Barcelona, ex-aluna de Horacio Capel e Carles Carreras – uma alemã, duas mexicanas, uma finlandesa, um brasileiro (quem será?) e oito taiwaneses! (todos jovens entre 14 e 18 anos). São diferentes níveis de conversação, mas os taiwaneses são aplicadíssimos e entendem bem a gramática. Mas a pronúncia, valha-me Deus! Quem recebeu os brasileiros (há outros em outras classes) foi a Carla,

mineira redondinha e simpática de Belo Horizonte, sotaque mineiro evidente, que está em Vancouver há nove anos. Veio para ficar.

Enfim, depois de três semanas na IHV, tenho mais um diploma para a coleção!



Barbara, Lydia, Arantxa, Cristina, Simone, Hanna, Maxwell e Grace.



Lydia, Arantxa, Cristina (encoberta), Simone, Hanna, Maxwell, Grace, Jeremy, Cynthia e Katia.



Lydia, Arantxa, Cristina, Simone, Hanna, Maxwell, Grace, Jeremy, Eliseu e Cynthia.



Eliseu e Bárbara: mais um diploma.

Há muitas coisas interessantes sobre Vancouver que vale a pena lembrar. O transporte coletivo é exemplar. Há o metrô com quatro linhas. Eu utilizava a linha Skytrain que, como todas as outras, sai da Waterfront Station, bem no centro da cidade, e vai em direção a King George, no sudeste, já no município de Burnaby. Outra linha, a Millennium, liga o centro ao aeroporto, que fica em Richmond. Há outras duas linhas: uma que corre paralelamente ao Skytrain e uma que corre ao longo de um rio que corre pelas cidades vizinhas a Vancouver no sentido leste-oeste. A articulação do metrô com as linhas de ônibus é bem feita no sentido de que há correspondência de horários entre eles. O Skytrain passava de três a cinco minutos, sem praticamente atraso nenhum. Pela manhã, entre 8 e 9 horas, o trem ficava irritantemente cheio, mas

tranquilamente cumpridor dos horários. Os tempos dos ônibus eram mais espaçados, mas não menos eficientes. Nos fins de semana e depois das 6 horas da tarde, não havia preços diferenciados entre as três zonas do transporte coletivo (quanto mais longe, mais caro é o preço do bilhete). Há bilhetes mensais que ficam por 91 dólares canadenses ou carnês com 10 bilhetes (os que eu comprava) por 21 dólares cada um. A vantagem do bilhete mensal é que você tem mobilidade maior, pois pode utilizar o transporte coletivo tantas vezes quanto quiser por dia. Em Vancouver, os jovens cedem seus lugares para os mais velhos. Eu não via isso há muito tempo em meu belo país.

A Grandville Island fica embaixo da ponte de mesmo nome. Separa-se do *downtown* pelo False Creek, uma lâmina d'água que vem do mar vai até o Science World. A ilha foi recuperada e, atualmente, é um lugar para os turistas passearem e gastarem seus dólares com coisas caras e sem nenhum valor de uso. Ali ficava, até décadas atrás, o lixão da cidade.



Downtown de Vancouver, destaque para o edifício do Lookout, a partir do Canada Place.

Calçada em Grandville Island.



O Museu de Antropologia da UBC é uma visita que vale a pena. Com inúmeros totens de madeira, tem salas com pinturas, louças e peças do continente americano. Do Brasil, vi lá esculturas do Nordeste. Duas foram particularmente interessantes, pois representavam duas cenas da última ceia bíblica: uma de Jesus com seus apóstolos e outra do diabo com seus... apóstolos?



Totens no Museu de Antropologia da UBC.



Carminha, no Stanley Park, emoldurada pelo skyline do centro de Vancouver.

A UBC fica no extremo oeste de uma península limitada, ao norte, pelo False Creek e, ao sul, pelo Fraser River. Entre a universidade e a cidade compacta, um imenso parque entrecortado por ruas e pistas para bicicletas e caminhadas. Como o Canadá se caracteriza pelos inúmeros parques e reservas, em Vancouver isso é marcante. Além do Stanley Park e do Queen Elizabeth, há muitos outros, grandes e pequenos, tecendo o verde que domina a cidade quando se a vê por cima (chegando ou partindo de avião ou do alto do *Lookout*).

Na UBC participei de um seminário sobre estudos brasileiros. Apresentei algumas ideias conclusivas das pesquisas de um projeto temático que coordenei, sobre a dinâmica industrial no Estado de São Paulo no início do século XXI. Tive meros dez minutos (que multipliquei para doze) para apresentar um resumo denso das ideias. O tema não provocou curiosidade da plateia (composta na maioria de brasileiros que estão em Vancouver por diferentes razões – mas com a presença do cônsul geral do Brasil na cidade, Sérgio Florêncio). A curiosidade maior ficou pelos movimentos recentes de protestos no Brasil que levaram a diferentes visões de interpretação mas, de maneira geral, culpando os últimos governos do PT e seus líderes pela corrupção que existe no Brasil. Na minha opinião, a visão tucana é forte no Brasil e mundo afora. O seminário foi organizado pelos professores Bernardo Fernandes (UNESP de P. Prudente) e Hannah Whitmann (UBC). Participaram, também, Samuel Frederico (UNESP – Rio Claro), Marina Castro (PUC-SP) e Ana Lúcia Fernandes (UNESP – P. Prudente).



Em frente ao LIU Institut.



Apresentação do trabalho na UBC (seminário de estudos  
brasileiros).

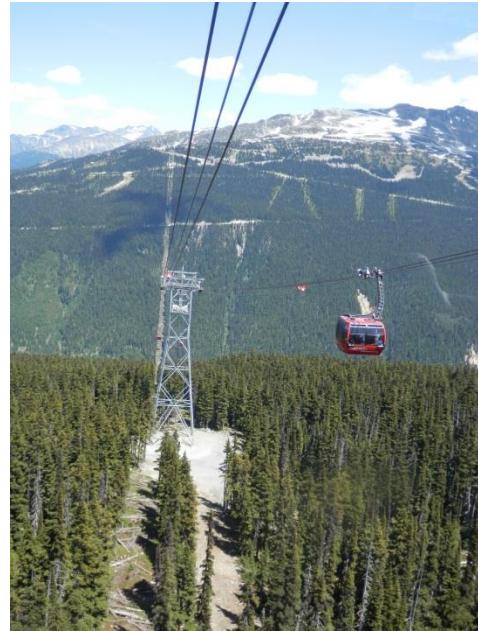
No tempo que fiquei em Vancouver, pude fazer três passeios para fora da cidade. Vamos a eles.

Whistler, com sete mil habitantes, é uma estação de esqui a 120 km ao norte de Vancouver, pela rodovia 99. Como é verão, a neve só aparece no alto das montanhas (aqui, Rockies Mountains). Subi no *Peak to Peak* por suas gôndolas, teleférico gigantesco que une dois picos próximos a Whistler. A subida é feita em três etapas, com conexões entre os teleféricos. As gôndolas se movem em um cabo de aço que se pendura a mais de cem metros de altura entre uma montanha e outra. No verão, a cidade é procurada por ser calma e onde há restaurantes que valem uma boa jornada. O Lost Lake, com águas cuja temperatura não chega a 15 graus celsius, estava cheio de pessoas se banhando para combater o verão canadense. Havia vários grupos de

crianças (aparentemente entre três e seis anos), todas aparentadas com capacete, joelheiras, tênis e cotoveleiras, com suas bicicletas, seguindo seus instrutores. O gramado, ao lado do lago, todo ocupado com bicicletas em descanso e pessoas tomando sol.



Centro de Whistler.



Gôndola da travessia entre duas montanhas em Whistler (Peak to Peak).

Seattle, como toda cidade da América do Norte de fala inglesa, tem um centro densamente verticalizado. As outras áreas da cidade têm construções baixas, o que destaca o centro por contraste. A cidade pode ser observada numa volta de 360 graus do alto do *Space Needle* (agulha do espaço, construída em 1962, hoje símbolo da cidade, com estrutura metálica reconhecida em todo o mundo), torre esguia que se ergue no oeste do centro, próxima à baía. A cidade se destaca pela forte efervescência cultural, principalmente ligada à música. Aí surgiu o movimento grunge. Os sons da cidade influenciaram bandas que aí nasceram, como Pearl Jam, Stone Temple Pilots, Nirvana, Alice in Chains, Nevermore e Soundgarden. Aí também nasceu Jimi Hendrix, lendário habilidoso guitarrista que se notabilizou por ter participado do Festival de Woodstock em 1969. Pelas ruas, muitas pessoas (jovens, inclusive), pedindo dinheiro ou com cartaz *homeless* (sem residência). Turistas apressados por todos os lados, carros grandes com poucas pessoas, famílias de “americanos” gordinhos com copos ou sanduíches nas mãos. Pelas esquinas, grupos de negros alegres, dançando ou

conversando alto. O Public Market (Pike Market) fica na ladeira para o porto, tem três andares e de tudo para se vender. Dos pescados aos produtos orgânicos, das bugigangas aos discos antigos, dos livros às bijuterias. Ao seu lado, as paredes de um teatro onde as pessoas podem colar os chicletes que estão mascando (disgusting!... é atração turística. Pode?). Lá, também, tem um caminhão de mau gosto, chamado Duck, que circula pelas ruas e entra na água, cheio de turistas, por 30 dólares (é o que custa um passeio de meia hora!). As roupas são baratas e as lojas ficam abertas aos domingos. Vem gente de todos os lados comprar em Seattle. Eu vi carros com placas da Virginia e da Florida, possivelmente de férias.



Space Needel: de onde se tem a melhor vista de Seattle.

Vista do CBD de Seattle desde a Space Needle.



Porto de Seattle visto da Space Needle.



Banca de produtos agrícolas de *Family farm* no Pike Market, Seattle.

O último destaque que quero citar é Victoria. Ir lá é demorado. Uma hora e meia para chegar ao porto de Tswassen, mais hora e meia de *ferry boat*, gigantesco barco que transporta até ônibus, e depois mais meia hora de ônibus até à cidade. Capital da Colúmbia Britânica, a cidade tem como atrativos o Parlamento da região, o Museu da Cidade, o prédio do Hotel Compass, e o bairro de Chinatown e seu portal característico. Andar pelas ruas do centro é agradável porque o pedestre, como em todo o Canadá, é mais importante que o carro. Pisar na faixa de pedestres é fazer parar todo o trânsito e cruzar uma rua tranquilamente. Há outras atrações na cidade: o Burtchard Garden, o mundo em miniaturas, marinas... as ruas do centro fecham um pequeno recôncavo que se abre ao estreito entre a ilha de Vancouver e o continente, já olhando para as costas dos Estados Unidos. Um passeio lotérico é o que eu fiz: *watching whales*. Na verdade, é um trajeto de uma hora e meia no canal entre a ilha e o continente em busca das orcas, que em seus cardumes aparecem à superfície da água para borrifar água por seus respiros. O frio é cortante no barco (mesmo no verão), o conforto é mínimo porque não há espaço para todos na parte fechada do barco e as baleias (?) ficam ao longe, podendo ser fotografadas apenas com um *zoom* muito potente. Pelo preço (70 dólares), não vale o esforço (*shits happen!*). Fica aqui uma lição: em país frio, os passeios de barco devem ser bem programados e com vestes apropriadas. Senão, passar frio é fatal.



Vitória: Parlamento da Colúmbia Britânica.



As orcas, vistas de longe.

Termino este texto no dia 25 de julho, em terras da região de Manitoba, já próximo de Winnipeg, onde teremos (Carminha e eu) o jantar no trem da Via Rail, pela ferrovia transcanadiana. Saímos de Vancouver no dia 23 de julho às 20h30 (pre-ci-sa-mente!) e vamos chegar em Toronto no dia 23 às 10h a.m. (previsão...). Da janela do trem, de dentro de uma minúscula cabine com duas camas retráteis, em forma de beliche, um cubículo com um vaso sanitário e uma pia com espelhos em forma de tríptico, vislumbramos as paisagens com vários tons de verde das pradarias canadenses, cobertas de colza e trigo, casas ao longe, pequenos lagos e áreas com charcos.